

Jardins insurgentes: rizoma ambiental entre arte, vida e educação em terrenos baldios

Insurgent gardens: environmental rhizome between art, life, and education in wastelands

Jardines insurgentes: rizoma ambiental entre arte, vida y educación en terrenos baldíos

Tamiris Vaz¹

Ezequias Cardozo da Cunha Júnior²

Resumo: Terrenos baldios insurgem como jardins errantes, espaços de resistência onde arte, vida e educação traçam rizomas que escapam às lógicas do controle. Nas fissuras do concreto, exploramos como esse território abriga devires multiespécies e aprendizagens menores, compondo cartografias afetivas. Inspiradas por Deleuze, Guattari, Haraway, Clément e Tsing, neste artigo experimentamos uma pesquisa-deriva: percorremos a cidade, forrageamos jardins, cultivamos fotografias e colagens botânicas, promovemos intervenções. No caos dessas práticas, os limites entre humano e não humano se dissolvem, precipitando educação menores que friccionam aquilo que é produzido entre o ambiental e o social e o natural e o cultural e...

Palavras-chave: Jardins insurgentes; Refúgios; Criação.

Abstract: Vacant lots emerge as wandering gardens, spaces of resistance where art, life, and education trace rhizomes that evade the logics of control. In the cracks of concrete, we explore how the third landscape harbors multispecies becomings and minor learnings, composing affective cartographies. Inspired by Deleuze, Guattari, Haraway, Clément, and Tsing, this article engages in a drift-research: we traverse the city, forage gardens, cultivate photography and botanical collages, and promote interventions. In the chaos of these practices, the boundaries between human and non-human dissolve, precipitating minor educations that cause friction between the environment and the social and the natural and the cultural and...

Keywords: Insurgent gardens; Refuges; Creation.

Resumen: Los terrenos baldíos emergen como jardines errantes, espacios de resistencia donde el arte, la vida y la educación trazan rizomas que escapan a las lógicas del control. En las grietas del concreto, exploramos cómo el territorio alberga devenires multiespecies y aprendizajes menores, componiendo cartografías afectivas. Inspiradas en Deleuze, Guattari, Haraway, Clément y Tsing, en este artículo experimentamos una investigación-deriva: recorremos la ciudad, recolectamos rastros en jardines, cultivamos fotografías y collages botánicos, promovemos intervenciones. En el caos de estas prácticas, los límites entre lo humano y lo no humano se disuelven, precipitando educaciones menores que friccionan lo producido entre lo ambiental y lo social, lo natural y lo cultural y...

Palabras claves: Jardines insurgentes; Refugios; Creación.

Impulsão

Ao explorar os corredores urbanos, terrenos baldios tornam-se refúgios (Haraway, 2023), configurando jardins insurgentes que fazem rizoma com a educação ambiental, a arte, as comunidades humanas e não humanas (Souza, 2012). Lugares sem nome, sem valor

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Artes (IARTE).

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED).

reconhecido, o que Gilles Clément (2022) define como terceira paisagem, “[...] esa multiplicidad de sitios dejados de lado, que no han dicho mucha cosa porque no han tenido los medios de expresarse” (p. 61). Entre as fissuras do concreto, a caosmose (Guattari, 2012) desses jardins revela estratégias de sobrevivência que ecoam por uma sinfonia de práticas sustentáveis e baldias.

Seria o planeta Terra um grande terreno baldio controlado por uma minoria que assume sua propriedade e normatiza onde, quando e como podemos habitá-lo e nos deslocarmos sobre ele? Que vida perturbada temos sido em meio aos processos de vida e morte? Um formigueiro que afafa a terra seca e abre caminho para novas irrigações? Uma árvore seca que deixa brotar pequenos ramos e serve de abrigo para gatos de rua? Uma trepadeira que usa a cerca para se apoiar e atravessar para outros terrenos? O colchão rasgado que ninguém sabe de onde veio, mas que surge para dar passagem à chegada de outros móveis despedaçados que perderam sua validade de uso e se tornaram entulhos ingratos? Que parentescos inesperados temos construído para existir nesse lar de rejeitos que insistem em se proliferar fora das regras?

Compondo relações não-lineares no plano de imanência, a educação (ambiental e das artes visuais) conectada às nuances da vida cotidiana sugere uma abordagem além de fronteiras, nas divisas do que podem as ciências, as biologias, as artes e as criações (Barchi, 2013). Pensamos aqui uma educação como processo de produzir jardins vagabundos, proliferando margens e suturas entre o que se considera útil e o que se condena ao esquecimento. Jardins insurgentes nascidos na resistente rebeldia de terrenos vagos quase sufocados pela sombra de prédios que se elevam, ano após ano, com os movimentos da especulação imobiliária. Nesses espaços intersticiais, a materialidade do abandono se transforma em solo para devires errantes (Flach; Paulon, 2021), uma paisagem em movimento e transformação.

No exercício artístico e conceitual que dá origem a este artigo, experimentamos pensar essas movimentações como processos de vida e de morte. Ao percorrer a cidade, observando e fotografando terrenos baldios, fomos nos conectando com diferentes modos de habitar: alguns temporários, outros mais enraizados, mas todos carregando algum escape à ordem. Como se ali, nessa terra aparentemente abandonada, fossem capazes de exercer certas liberdades utópicas ou heterotópicas (Foucault, 2009), que geram resistência às arestas endurecidas do concreto urbano. Afinal, essa cartografia afetiva (Rolnik, 2011) escolheu os jardins insurgentes como campos de experimentação fotográfica, onde o caos produziu narrativas que se expressam como notas de resiliência e resistência, compondo gestos de habitação e de reexistência.

Foi nesse contexto que essas vivências urbanas, artísticas e conceituais surgiram, realizadas em terrenos baldios e espaços ruinosos, compreendendo-os como ecossistemas de arte-aprendizagem errante (Bauermann Filho, 2023). Transitando entre encontros com o Grupo de Pesquisa “Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida”, um coletivo dedicado às filosofias da diferença e suas reverberações (Vaz; Estevinho, 2021), nos lançamos à espreita de um horizonte de acontecimentos que agencia as velocidades infinitas do devir das forças e dos afetos (Deleuze; Guattari, 2010).

A partir de derivas fotográficas pela cidade, forrageamos terrenos baldios em busca do que emergia em sua multiplicidade, enquanto produzimos narrativas que tensionam os sentidos desses lugares e suas formas de habitação. Com algumas dessas impressões visuais, propusemos uma experimentação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), criando, com nosso grupo de pesquisa, um espaço de deslocamento das imagens e dos afetos que elas provocavam. Esse percurso culminou em uma mesa de trabalho no IX Conexões, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde encontramos reflexões multiespécies que conectam vidas, territórios e insurgências em ruínas.

Organizamos este artigo, então, para acompanhar esse percurso rizomático: na próxima seção apresentamos as experimentações com o Grupo Uivo, pensando sobre as derivas e as cartografias afetivas produzidas. Depois, relatamos a mesa de trabalho na Unicamp e traçamos algumas considerações sobre as aprendizagens errantes e os possíveis desdobramentos da intervenção que habita o rizoma entre a filosofia, a arte e a educação ambiental.

Experimentações com o UIVO: derivas fotográficas e narrativas baldias

O Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida é um grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal de Uberlândia, uma força coletiva que experimenta percursos tortuosos e irregulares no campo da educação. Foi a partir de um desejo do grupo de montar uma mesa de trabalho junto ao IX Conexões Deleuze, na Unicamp, que decidimos explorar desdobramentos para algumas das temáticas que vinham sendo estudadas. O interesse pelos terrenos baldios nasce de estudos anteriores de uma das pesquisadoras do grupo, juntamente com as leituras atuais de autores como Haraway, Tsing e Coccia.

Sem um mapa predefinido ou um destino final, as autoras deste artigo passam, então, a realizar algumas derivas fotográficas entre os bairros Saraiva e Santa Mônica, nas proximidades da universidade e de suas moradias. Nesses percursos, fomos nos conectando com toda uma

diversidade de terrenos vagos e buscamos capturar em imagens e memórias, alguns de seus fluxos, afetos, sensações, atmosferas, traços e gestos insurgentes.

Nossa movimentação partiu de um gesto simples, mas potente: caminhar. Ao percorrer as ruas de Uberlândia, estávamos à espreita dos devires com os terrenos baldios, onde muitas vidas pulsam de formas incontroláveis. Notamos como cada espaço carrega camadas de história e esquecimento, resíduos humanos e vegetação insistente, rastros de presença e ausência. A cada esquina dobrada, a cada superfície tocada, a cada sonoridade percebida, potencializamos formas clandestinas de habitar e pensar os espaços urbanos, especialmente aqueles tomados por vegetação. Nossa prática de caminhar e fotografar é também uma prática política: atentamos para aquilo que não se define pelos circuitos previsíveis dos caminhos disciplinados (figura 1). Os terrenos baldios se encontram justamente nos desvios, constituem buracos nos mapas, frestas por onde podem passar outras formas de vida.



Fonte: Elaboração própria, a partir do Google Earth.

A movimentação que aqui se desdobra não se ancora em territórios fixos, mas emerge de um campo movente, onde filosofia, arte e educação ambiental errante se entrelaçam, formando um emaranhado de conexões imprevisíveis. Esse mapeamento conceitual não pretende demarcar um território, mas acionar devires. Deleuze e Guattari (2010) nos ensinam que um mapa não é um decalque. Ele não reproduz, mas produz. Assim, em vez de raízes profundas que remetem a um centro fixo, operamos com rizomas: multiplicidade, conexão, heterogeneidade.

Nesse rizoma, rastros e imagens sobrepostas vêm como palavras captadas ou registradas, carregam a potência do precário, do instante capturado sem a ânsia de permanência. A fotografia, em nosso contexto, não se apresenta como registro documental, mas como uma tática de subversão do comum. Por meio da experimentação com sobreposições, buscamos nos desfazer de uma noção de documento para ceder lugar à errância, ao encontro com o acaso.

Somos todos jardineiros de um jardim planetário, destaca Clément (2022). Mas qual jardim cultivamos? Como aprendemos a enxergar a biodiversidade urbana que escapa aos olhos domesticados pelo asfalto? A arte aqui comparece não como ilustração, mas como linha de fuga, como ativação de mundos possíveis, no sentido de se perder e se permitir ser afetado pelo imprevisível.

As impressões fotográficas foram um desdobramento da pesquisa, não como meros registros, mas como processos de criação. Levamos as imagens para a UFU e propusemos intervenções junto de nossos colegas de grupo de pesquisa: costuramos fotografias no solo, nas pedras, plantas e paredes. Em sobreposição incluímos camadas de texto, recortes e coletas dos terrenos baldios, montando cartografias afetivas (figura 2). O que era pra ser um exercício de criação da proposta a ser levada para o Seminário Conexões, se tornou por si só um processo coletivo de conexão também com os terrenos do campus universitário.

Figura 2: Placas produzidas e inseridas no campus universitário da UFU pelo grupo Uivo.



Fonte: Acervo do grupo Uivo.

As placas de “Vende-se” foram um elemento marcante em nossos registros e, por isso, decidimos propor ao grupo a elaboração de placas com textos e imagens a serem fixados no solo, de modo a dizer algo sobre o que se vive ou se deseja viver-com.

Assim, as impressões fotográficas produzidas coletivamente não são apenas imagens, mas acontecimentos: inscrevem gestos de resistência às normatividades de posse dos terrenos, desenham mapas sensíveis, ampliam a textura do visível. As experiências de produzir placas com imagens e textos são um chamado à produção de linhas de fuga, proliferando, compondo paisagens possíveis em quadrantes de mundos ordinários (figura 3).

Figura 3: Compondo paisagens e mundos em ruínas.



Fonte: Elaboração própria.

No percurso desse fazer, operamos na contramão da captura e do arquivo institucionalizado, experimentando a fotografia como um gesto de criação coletiva, como um

vestígio do encontro. O que pode um terreno baldio? Para alguns, esse é um espaço à espera de uma função. Para outros, um refúgio. Para nós, um campo de experimentação.

A ruína

Habitar as ruínas performando a força das estórias como uma prática de cuidado e de pensamento. A ruína, segundo Tsing (2019), se tornou nosso lar coletivo e é a partir dela que nos é possível hoje aprender a coexistir em ambientes perturbados. Não se trata de uma perspectiva otimista diante da tragédia, mas de um compromisso com a vida (e a morte) mesmo em companhia inesperada. Pensar os terrenos baldios é reconhecer que a cidade não se constrói apenas pelo que é erguido, mas também pelo que é deixado para trás. Tsing (2019) destaca que as ruínas não são apenas restos de um mundo que já não existe, mas ambientes ativos, onde novas formas de vida emergem e negociam sua existência. Convivemos, hoje, com espaços marcados por deslocamentos, devastação e abandono, mas também por resistências silenciosas e reinvenções que prosperam vidas em meio às ruínas.

Em meio à crise climática materializada nas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande Sul, nos deparamos com inúmeras referências de outros países sobre possíveis soluções para evitar tragédias de tamanhas proporções. Cidades-esponja são soluções orgânicas projetadas pelo arquiteto chinês Kongjian Yu para reduzir os impactos das cheias. O projeto consiste em três princípios: 1. A retenção da água em sistemas de açudes e grandes áreas porosas, não pavimentadas; 2. A desaceleração da velocidade dos rios com vegetação; 3. A criação de áreas alagáveis, onde a água possa ser contida por um tempo sem alcançar as casas (Arruda Filho; Jacobi, 2024).

Podemos imaginar essas áreas como grandes terrenos baldios nos entornos dos rios, que permitiriam um melhor escoamento das águas. Terrenos que, em tempos de seca, funcionam como áreas verdes habitáveis e que, nas cheias, facilitam o escoamento das águas. Cidades não se sustentam apenas com concreto, precisam de jardins que multipliquem vidas em simbiose. Haraway (2023, p. 10) nos convida a “[...] aprender a ficar com o problema de viver e morrer com responsabilidade em uma terra degradada”. Fazer parentescos estranhos em vez de religiosos e biogenéticos nos impele a pensar por quem realmente se é responsável, abrindo espaço para um florescimento multiespécie que inclui seres humanos e alteridades não humanas em parentesco para que tenhamos alguma chance na Terra (Haraway). Ficar com os alagamentos e não os conter pela elevação de mais muros de concreto. Devir-com e não

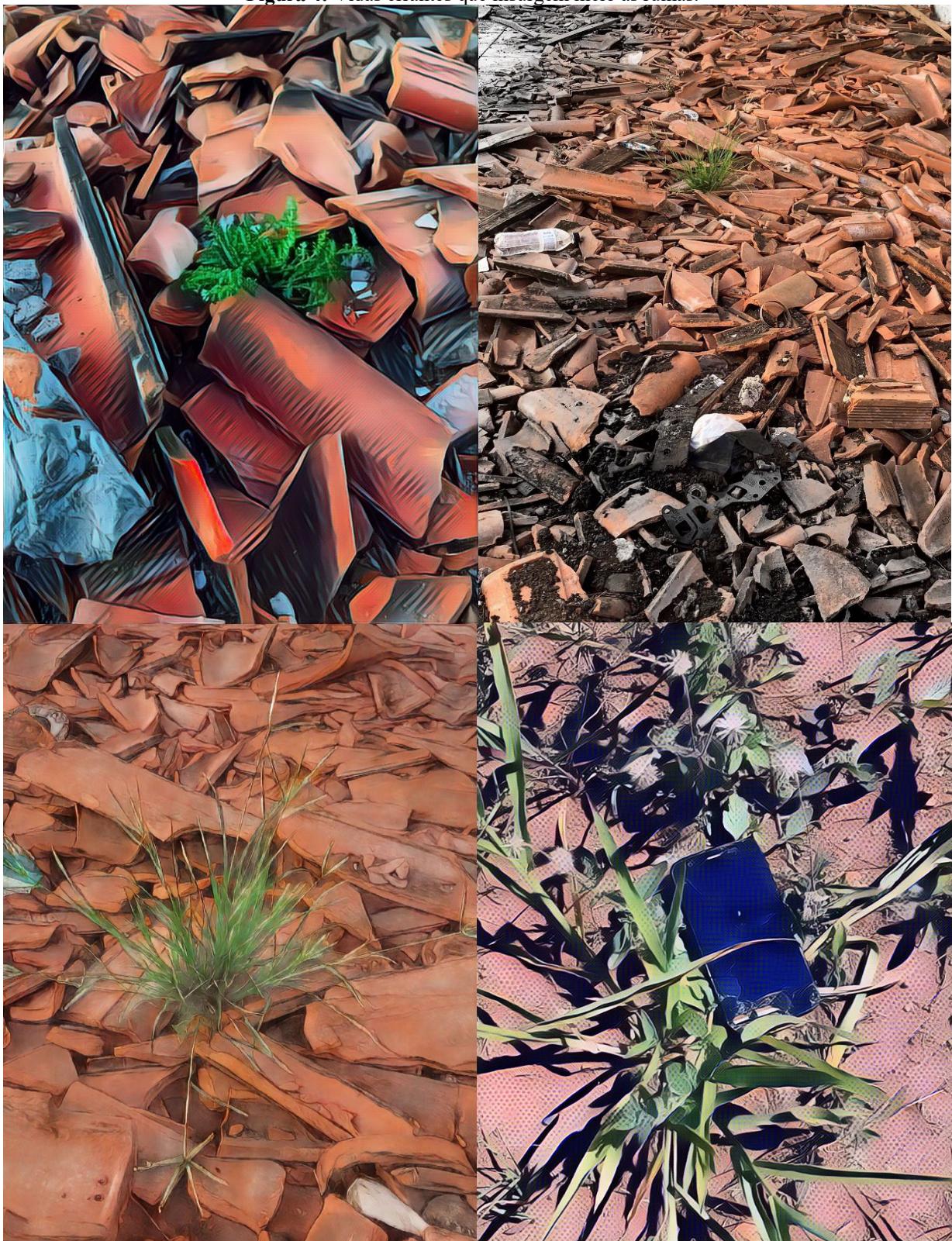
simplesmente devir, associando naturezas, culturas, objetos, animais em um emaranhado, um composto que origina outras práticas de pensar e fazer no agora. Abraçar o alagamento e não negar sua iminência ou bloquear sua passagem é o único caminho possível quando se chega em extremos climáticos irreversíveis como os que estamos vivendo.

Pensar a existência de terrenos baldios é também pensar sobre respiros, canais que permitam passar algo em meio ao estreitamento dos espaços de vida pelo crescimento urbano. É forjar resistências pelas brechas daquilo que ainda não foi cooptado pela significação. É a potência do vir a ser, na precariedade dos terrenos que nos restam. Somos todos jardineiros de um jardim planetário, como nos diz Clément (Hallé; Letourneux; Clément, 2023). Em um único terreno, segundo ele, podem se encontrar espécies que remetem a diferentes partes do mundo, transportadas especialmente pela movimentação humana na Terra. São paisagens híbridas que, longe de homogeneizar o planeta, vão formando paisagens singulares em combinações múltiplas.

Até em um mesmo bairro, quando passamos a observar seus terrenos baldios, podemos observar como há a formação de diferentes paisagens, algumas mais arborizadas, outras com mais plantas rasteiras e flores, outras como muitas trepadeiras, outras com predomínio de capim, outras com muitos cupinzeiros, outras descampadas e preenchidas por objetos de uso humano. Não é só a relação entre vegetais que determina a paisagem de um terreno baldio, mas também as ocupações clandestinas de animais que transitam na cidade, além de pessoas que adentram esses espaços para dormir, pixar ou fazer dele atalho.

Somos também jardinados pelas plantas jardineiras, como afirma Coccia (2018). São elas que fazem este mundo e que o conservam em vida. Elas não são paisagem, mas um povo de paisagistas. É o clima, o céu, que compõe a principal agricultura, que Coccia chama de agricultura celeste. O que acontece a partir dela, na Terra, são acidentes que vão compondo nossas paisagens. Se vivemos um período de enchentes nunca antes vistas é porque algo tem acontecido com esses movimentos de jardinagem, embora haja resistências (figura 4).

Figura 4: Vidas errantes que insurgem meio às ruínas.



Fonte: Elaboração própria.

“Todo vivente é ao mesmo tempo origem de seu mundo e mundo de um outro vivente. [...] Qual é a forma do mundo que se dá a ver no corpo do próprio vivente?” (Coccia, 2018, p.

11-12). O mundo, nessa concepção, não é a casa de seus viventes, mas é matéria de si mesmo. São as relações que estabelecemos entre os diferentes seres que compõem as existências desse mundo.

No terreno baldio, as plantas forjam brechas para produzir mundos não mais possíveis em outros terrenos da cidade. Por essas brechas, outros habitantes vão fazendo morada. Inúmeras negociações precisam ser constantemente feitas e desfeitas para que vidas possam seguir existindo e criando possibilidades outras de se movimentar. Mesmo em um terreno baldio, supostamente abandonado pelo utilitarismo humano, cada vida que faz dele morada precisa negociar brechas entre os outros seres que ali habitam, para fazer seu mundo.

Um terreno baldio ao mesmo tempo se torna um território onde poderes são exercidos e resistências manifestadas, onde o arame farpado protege, demarca o espaço físico e o político ao mesmo tempo em que atua como violência iminente que também serve como abrigo para os pássaros que pousam nele (Vaz, 2016, p. 56). Seres marginais, habitando por intensidades, nas possibilidades do agora, pois não há garantias de continuidade ou ampliação. Quem vive em um terreno baldio não atua por herança e não produz visando ampliar territórios. Atua, então, por contágios, acasos e acordos momentâneos. Hoje é favorável para habitar aqui. Amanhã não se sabe.

Um terreno baldio não é um terreno pleno de liberdade e diversidade. É um terreno de sobrevivência. Uma pequena área, hostil, onde é possível, a partir de algumas simbioses, a proliferação de vidas para um agora que não se sabe por quanto tempo durará. Um território temporariamente inútil, que tem seus limites controlados, mas que permite a proliferação desordenada de vidas clandestinas, refugiadas por não conseguirem provar sua utilidade social em outros terrenos.

Para seu proprietário, ele é um investimento de espera, especulando o melhor momento de torná-lo útil para a sociedade de consumo. Um dia se tornará uma casa, um condomínio, um estacionamento. Enquanto isso, um arame farpado nos alerta que nem tudo é autorizado. Há uma violência exercida ali, anunciando que outro humano não pode e não deve ocupar de forma alguma aquele local, a não ser sob autorização e mediante pagamento. Por isso, não é raro encontrarmos dentro desses terrenos grandes placas de *outdoors* ou pinturas publicitárias sobre seus muros. Também é comum dentro desses territórios nos depararmos com placas de “vende-se” e “aluga-se”. São marcadores de propriedade que, como o arame farpado e os muros, indicam o distanciamento desses espaços dos interesses comunitários de uso.

É justamente por isso que é na clandestinidade que certas vidas se proliferam por esses terrenos. Vidas tão marginais que acessam esses territórios justamente a partir de suas paredes e arames (figura 5). É a planta que se enrola no arame ou atravessa o corpo fúngico para encontrar a luz, o gato que se protege de predadores que não conseguem passar pelos arames, o humano que aproveita o muro para se proteger do frio à noite.

Figura 5: Atravessamentos multiespécies no Antropoceno.



Fonte: Elaboração própria.

No final de 2023, a Prefeitura de Uberlândia sancionou uma medida de cobrança de multas para proprietários que mantinham seus terrenos “sujos”. Segundo reportagem: “Será considerado limpo o terreno ou gleba que não esteja acumulando água, não apresente depósito de lixo, entulho ou resíduo de qualquer natureza e com cobertura vegetal rasteira, inferior a 50 centímetros” (Uberlândia, 2023). Uma medida para evitar a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor de arboviroses, como a Dengue, Zika e Chikungunya, bem como de outros animais peçonhentos, como escorpiões, lacraias e serpentes.

No espaço urbano, além das plantas vagabundas, vemos se proliferarem também outras ordens de seres igualmente tomados como “sujos” e perigosos para a ordem. Pessoas em situação de rua encontram nos terrenos um abrigo para passar a noite, cachorros e gatos abandonados formam suas matilhas entre árvores e entulhos, pichadores deixam suas marcas nos muros internos expostos aos passantes. Não tratamos aqui somente de terrenos baldios. Tratamos de exercícios de existência em ruínas. Como pensar uma educação capaz de habitar terrenos baldios de alguns poucos metros quadrados? Como atuar em um mundo onde temos cada vez menos terrenos baldios, abertos aos livres encontros?

Diante da necessidade de manter os terrenos “limpos”, frequentemente nos deparamos com incêndios deliberadamente ateados para facilitar a extração das plantas, que insistem em renascer, continuando o ciclo de vida e morte em um território que prioriza a espera da especulação imobiliária. O fogo na cidade não só regula a proliferação de vidas, como também demarca fronteiras e hierarquias de existências. Nada dentro dos limites desses cercados tem direito a existir sem que esteja movimentando a máquina do utilitarismo que, por sua vez, é medida por alcances monetários. Raramente vemos plantas frutíferas dentro desses terrenos, talvez porque elas alimentariam espécies indesejadas vindas por terra ou pelo ar. Que seres são esses que habitam esses terrenos tão hostis e insistem em transgredir suas normas exterminadoras?

Em derivas continentais, em que um fragmento de crosta terrestre se desloca, atravessando zonas climáticas diferentes daquela onde se situava inicialmente, a flora e a fauna desse território acabam tendo que se adaptar. Clément comenta sobre o choque de plantas que não estão habituadas a incêndios quando chegam a regiões sujeitas a esse fenômeno. Enquanto algumas plantas desaparecem por completo, outras evoluem, “[...] se adaptando ao ritmo dos incêndios, a ponto de depender deles (muitas sementes de pirófitas precisam de um choque térmico para sair da dormência)” (2022, p. 21).

Figura 6: Fogo em terreno baldio.

Fonte: Acervo do Grupo Uivo.

Em uma de nossas saídas fotográficas presenciamos um incêndio espontâneo tendo início em um terreno baldio (figura 6). Com plantas rasteiras e secas, cercadas por muros de concreto, esse terreno já sucumbiu à dureza da infertilidade forçada. A administração do condomínio do terreno vizinho não dá brechas para o passeio clandestino das vidas de um terreno vagabundo. Localizado em uma esquina de uma rua movimentada, ele assume a função publicitária de abrigar *outdoors*, cujas impressões são substituídas a cada uma ou duas semanas. É possível que os fragmentos de papel, misturados à grama seca em uma tarde de intenso calor tenham encontrado algum estímulo (humano ou não) que despertou a cremação de seus corpos moribundos. O fogo não durou, logo foi apagado por vizinhos, permanecendo apenas uma cicatriz, um rastro de cinzas.

Um mês depois, tudo já cresce novamente. Enquanto houver terreno, haverá resistência. Até mesmo para exterminar a vida é preciso esforço constante, pois ela persiste. Engana-se quem diz que ela é frágil, sua força não se mede pelo tanto que morre, mas por sua capacidade de renascer, mesmo quando tudo parece perdido. Terra, água, fogo, ar. Esse pequeno terreno teve a oportunidade de atravessar todos esses elementos, cercado por arames, mas aberto para receber e abrigar vidas em abundância.

Mesa de trabalho: aprendizagens errantes nos jardins em ruínas

A mesa de trabalho na Unicamp se configurou como um território vivo de trocas, atravessamentos e invenções coletivas. Não se tratava apenas de um espaço de apresentação formal, mas de um campo de intensidades, onde os conceitos se fizeram corpo, onde as ideias se tornaram matéria pulsante. Dias (2023) entende as mesas de trabalho como modos de habitar artes, educação e comunicações diante do Antropoceno. Na perspectiva da autora, as mesas são, ao mesmo tempo, uma intervenção artística urbana e uma metodologia de pesquisar-criar entre artes e ciências. Nossa mesa surgiu por meio dos encontros com os jardins insurgentes, nos quais buscamos experimentar as plantas como “companhias” de pesquisa e criação (Haraway, 2021).

Entre falas e silêncios, gestos e pausas, a mesa buscou permitir a emergência de conexões imprevistas e de afetos partilhados. A experiência foi menos sobre apresentar resultados e mais sobre abrir percursos, criar espaços de escuta e experimentação. Durante a mesa, fotografias e coletas dos jardins insurgentes, como placas, papeis e galhos, foram espalhadas sobre a superfície como rastros de um pensamento visual em movimento, misturando-se com textos de nossos referenciais bibliográficos e de nossas anotações sobre os percursos. O público foi convidado a manusear as imagens, a escrever nelas e sobre elas, a propor novas caminhadas com os terrenos baldios, produzindo também suas placas de “desvenda”, trazendo novas nuances para essas habitações. As imagens tornaram-se superfícies de inscrição, pontos de partida para fabulações, para atravessamentos entre memórias, sensações e devires (figura 7 e 8).

Figura 7: Mesa de trabalho: insurgências em arte, vida e criação.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 8: Dos terrenos abandonados às práticas baldias e sustentáveis.



Fonte: Elaboração própria.

Ao final do encontro, uma frase escrita sobre uma das fotos ressoou como um eco da experiência: “Hoje é favorável para habitar aqui. Amanhã não se sabe”. A incerteza habita os terrenos baldios, mas talvez seja essa incerteza que os torna férteis para a imaginação. Os terrenos baldios nos ensinaram que educar não é apenas criar as condições necessárias para a aprendizagem, mas aprender a ler os rastros e os silêncios da cidade. Eles nos mostraram que a resistência acontece nas pequenas ocupações cotidianas, nos jardins que nascem sem permissão. A educação errante que se desenhou ali foi uma educação das frestas, das margens, das derivas.

Como pensar uma educação que habite os vazios urbanos? Que crie mundos possíveis em meio às ruínas? Que fortaleça as relações multiespécies? As aprendizagens que emergiram desse encontro não cabem em frases definitivas. Elas se espalham como rastros, como germinações, como vestígios de um pensamento que se faz no entre. O que se viu, ouviu e sentiu na Unicamp desdobra-se agora em outras perguntas, em novas possibilidades de criação e resistência. Como um campo sempre em movimento, essa mesa de trabalho não se encerra ao passo que, como os jardins insurgentes que inspiraram esse percurso, ela cresce sem pedir permissão, fazendo brotar outras paisagens possíveis no horizonte da educação e da arte.

Considerações de jardins por vir

Seguir as trilhas errantes dessa caminhada com terrenos baldios foi habitar o desejo de fabular outros mundos e cartografar outras existências possíveis. Entre derivas, encontros e fabulações urbanas, os terrenos baldios nos ensinaram a escutar o que insiste, o que germina e se espalha sem pedir permissão. Por meio de caminhadas fotográficas aprendemos a ver os jardins insurgentes como multiplicidades vivas, mestiçagens inesperadas entre espécies e temporalidades. Nesse sentido, entendemos que aprender, no encontro com esses terrenos, é exercitar a escuta, perdendo-se e deixando-se afetar pelos rastros da cidade.

Na mesa de trabalho da Unicamp, ao receber o público, testemunhamos a potência do encontro e da errância compartilhada. Ali, o que nasceu de caminhadas solitárias pôde se tornar gesto coletivo, em um movimento de composição e de atravessamento. Os relatos, as escritas, os toques sobre as fotografias evidenciaram que um pensamento vivo é aquele que escapa à rigidez das categorias e se inscreve nos corpos, nos gestos, nos afetos. Por fim, esse artigo segue, rizomático, espalhando-se por outras superfícies, atravessando novos territórios de pesquisa, de invenção e de resistência. No convite ao errar, ao fabular e ao cartografar,

deixamos aqui um convite a continuar essa escrita em outros campos, tempos, e corpos. O que pode um jardim por vir?

Referências

ARRUDA FILHO, Marcos Tavares de; JACOBI, Pedro Roberto. A urgência de um urbanismo climático no Brasil. **GV-Executivo**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. e91906-e91906, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/91906/86316>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BARCHI, Rodrigo. A educação ambiental como exercício de poder e resistência. **Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas-UFSM**, Santa Maria, v. 17, n. 17, p. 3258-3267, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/10407>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BAUERMANN FILHO, Ariberto de Farias. **Linhas de errância emaranhadas**: paisagens de uma docência em artes visuais. 2023. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/262704>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CLÉMENT, Gilles. **Manifesto da terceira paisagem**. Trad. L. Leistner. Brasília: Maison des éditions, 2022. Disponível em: <https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php>. Acesso em: 15 jan. 2024.

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. (Série Pandemia).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DIAS, Susana. Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educação e comunicações diante do Antropoceno. **Revista Digital Do LAV**, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/1983734884146>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84146>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FLACH, Guilherme Augusto; PAULON, Simone Mainieri. Um olhar errante sobre as intervenções urbanas em Porto Alegre. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, n. 3, p. 173-181, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/GrsYvZmM4ZggmNnqC6rTRhj/#>. Acesso em: 03 jan. 2025.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. **Ditos & escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. I. A. Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 411-422.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras-cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes nos chthuluceno. Trad. A. L. Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HALLÉ, Francis; LETOURNEUX, François; CLÉMENT, Gilles. **Espécies exóticas**: uma ameaça? São Paulo: Olhares, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto. Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **RESAFE – Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 18, p. 234-259, 2012. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/DESRDY>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Trad. S. Dias, R. Dias e P. Canguçu. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. Lei Nº 14.099, de 7 de novembro de 2023. Altera a Lei Nº 10.741, de 6 de abril de 2011 e suas alterações, que “institui o Código Municipal de Posturas de Uberlândia”, e revoga a Lei Nº 4744, de 05 de julho de 1988 e suas alterações. **Diário Oficial “O Município”**: seção 1, Uberlândia, MG, ano XXXV, n. 6726, p. 1-2, 08 nov. 2023. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/mg/u/uberlandia/lei-ordinaria/2023/1410/14099/lei-ordinaria-n-14099-2023>. Acesso em: 11 jan. 2025.

VAZ, Tamiris. Poderes e resistências em um terreno baldio: uma imagem atravessada por Deleuze e Foucault. In: SANT'ANNA, T. F. (org.). **Imagen, cultura visual e poder**: incursões foucaultianas e deleuzeanas. Goiânia: Kelps, 2016, p. 30-44.

VAZ, Tamiris; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Potência do uivo para existências nômades em matilha. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 55-68, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5965/24471267822022055>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22403>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Sobre a autora e o autor

Tamiris Vaz: Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (GO), Mestra em Educação e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (RS). Pesquisadora, artista visual e professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia (MG). Líder do Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida.

E-mail: tamirisvaz@gmail.com

Ezequias Cardozo da Cunha Júnior: Licenciado em Ciências Biológicas, Especialista, Mestre e Doutorando em Educação (PPGED/UFU), Bolsista Capes, integrante do Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida. Editor da Revista Scientia Prima (ABRIC).

E-mail: ezequiasjunior@ufu.br

Recebido em: 28 fev. 2025

Aprovado em: 08 jul. 2025